



A CLÍNICA PSICOLÓGICA REFLETIDA A PARTIR DE EDITH STEIN: HUMANOLOGIA

*Prof. Dr. Andrés Eduardo Aguirre Antúñez**

Resumo: Os estudos sobre a *estrutura da personalidade humana e empatia* têm ampliado a compreensão de paciente cuidado em psicoterapia em minha prática clínica, no ensino e na pesquisa. Esses estudos me convidaram a uma desconstrução da terapia do psíquico. A partir de Edith Stein encontrei uma *humanologia*, que se revela mais próxima à realidade do vivido, que os estudos em psicologia e psicanálise. A pessoa humana compreendida em corpo, psique e espírito, amplia a psicologia. O estudo sobre empatia reposiciona o modo de estar com o outro na clínica. Anterior à simpatia e antipatia, a empatia é um modo de conhecimento do outro e de si a partir do que acontece na intersubjetividade. O mundo contemporâneo nos mostra dificuldades que nós seres humanos temos que enfrentar, e considero que qualquer tentativa de diagnosticar uma pessoa nos dirige a um reducionismo de toda a potencialidade que é inerente ao ser humano. A partir de Stein, o diagnóstico se volta à experiência vivida. Nesse sentido, todo e qualquer sintoma passa a ser mero coadjuvante diante da maior doença que afeta o homem: o preconceito. Edith Stein nos mostrou como é possível romper com os preconceitos de modo ético, a começar pela sua própria história, repleta de sofrimentos e aproximações entre o modo de ser judaico e o católico. A essência comum a esses distintos modos de ser se situa na humanidade. Pretendo com esta exposição refletir sobre as profundas contribuições de Stein para a psicologia clínica a partir do estudo do humano.

Palavras-chave: estrutura da personalidade, empatia, psicologia clínica.

Abstract: Studies on the structure of human personality and empathy have expanded the understanding of patient care in psychotherapy in my clinical practice, teaching and research. These studies invited me to a deconstruction of psychological therapy. From Edith Stein found a humanology, which is more close to the reality of lived experience than studies in psychology and psychoanalysis. The human person is understood in body, psyche and spirit, enlarges psychology. The study of empathy repositions the way of being with others in the clinic. Prior to sympathy and antipathy, empathy is a mode of knowledge of each other and itself from what happens in inter-subjectivity. The contemporary world shows us the difficulties that we humans have to face and believe that any attempt to diagnose a person directs us to a reductionism of all the potential that is inherent to human beings. From Stein, the diagnosis turns to

the experience. Accordingly, any symptom becomes a mere adjunct before the biggest disease affecting humans, prejudice. Edith Stein showed us how it is possible to break with the prejudices of an ethical manner, starting with their own story, full of suffering and similarities between the way of being Jewish and Catholic. The essence common to these different ways of being lies in humanity. I want this exhibition to reflect on the profound contributions of Stein for clinical psychology from the study of the human.

Keywords: structure of personality, empathy, clinical psychology.

“La humanidad es un gran todo:
procede de *una misma raíz*,
se dirige a *un mismo fin*,
está implicada en *un mismo destino*”
(Edith Stein, 2007, p.19)

O rigor fenomenológico é útil ao processo psicoterápico, pois possibilita conhecer uma pessoa a partir de seu vértice e idioma pessoal e do sentido de sua existência; com ele podemos nos aproximar do outro em suas potencialidades e recursos e também em seus prejuízos decorrentes da falta da vivência de experiências humanas significativas no cotidiano de pessoas que buscam ajuda terapêutica.

A análise fenomenológica (Ales Bello, 2004) assentada na situação clínica (Safra, 2006) reposiciona a clínica psicoterapêutica e possibilita uma compreensão original aos distintos modos de estar e ser das pessoas. Muitos pacientes procuram encontrar no terapeuta uma testemunha para suas aflições ou um interlocutor para auxiliá-los a alcançar um sentido para seu existir. O objetivo de buscar por meio de um método o sentido das vivências de sofrimento é um trabalho que articula concepções filosóficas e psicológicas relacionadas à essência do existir.

Edmund Husserl elaborou e empregou pela primeira vez no tomo II de suas Investigações Lógicas o método fenomenológico. O princípio fundamental deste método é *fixar a atenção nas coisas mesmas*. Algumas premissas devem ser rigorosamente seguidas, tais como: não fazer interrogações teóricas sobre as coisas, não usar o que se tenha ouvido ou lido sobre o fenômeno a estudar, aproximar-se das coisas livre de preconceitos, para beber da intuição imediata (Stein, 2007). Plenamente de acordo com Stein (2007), se queremos saber quem é o homem, teremos que nos colocar de modo mais vivo possível na situação em que

experimentamos a existência humana, o que dela experimentamos em nós mesmos e em nossos encontros com outros homens.

O segundo princípio do método fenomenológico é dirigir-se ao *essencial*. Em toda ação humana existe uma intuição do que a coisa é por essência, e isto tem dois significados: o que a coisa é por *seu ser próprio* e o que é por sua *essência universal*. O ato que capta a essência é uma percepção espiritual, que Husserl denominou *intuição*: intuição da essência singular e comunitária do ser humano (Stein 2007).

Ao fixar a atenção nas coisas como elas são e como se apresentam permite ao método fenomenológico aproximar-se do essencial por meio da intuição ou percepção espiritual. Na perspectiva fenomenológica, a concepção de homem é compreendida por meio da estrutura tripartida do ser humano em corpo, psique e espírito. A corporeidade é o que nos dá a constituição do ser que nos localiza. O corpo faz referência ao objeto físico e ao espaço. O espaço vivido está na base de todos os conceitos de espaço, distinto do espaço geométrico e idealizado da física (Ales Bello, 2004).

O registro dos atos do corpo é um terceiro momento, que supera a interioridade e a exterioridade, e possibilita ter consciência das coisas. Pode-se controlar o corpo e a psique, porém esse registro do ato de controle não é de ordem psíquica ou corpórea, mas de ordem espiritual (Ales Bello, 2004).

Husserl usava a palavra espírito porque na filosofia que o antecedeu, o que não era corpo era considerado da ordem da alma. Ele analisava a alma em duas partes: (a) uma formada por atos de caráter psíquico, cujo representante é o impulso psíquico não desejado ou incontrolável. Não somos nós as origens desses impulsos, nem nós que os provocamos, mas os encontramos. Se sentirmos um grande rumor, todos terão medo, e o medo não vem desejado por nós; ele é uma reação e acontece, essa é a parte psíquica; (b) a outra parte é a que reflete, decide e avalia, e está ligada aos atos da compreensão, da decisão, da reflexão, do pensar, sendo denominada de espírito. Todo ser humano tem potencialmente essas três características, umas mais, outras menos desenvolvidas que outras (Ales Bello, 2006).

Os sujeitos acontecem nesses três distintos graus de presença e realização das suas atividades (Ales Bello, 2006). Primeiro, há pessoas que alcançam alto grau de desenvolvimento da estrutura comum a todo ser humano, ou seja, uma plena atividade corpórea, psíquica e espiritual, e mostram serem sujeitos educados, corpórea, psíquica e espiritualmente.

O segundo grau representa um baixo grau de desenvolvimento espiritual e traz dificuldade para refletir, avaliar, decidir e controlar-se (é esta dimensão que interessa particularmente à psicologia, especificamente à terapia). O resultado é a dificuldade para controlar os impulsos e as emoções, típico de alguém pouco educado espiritualmente (são os casos dos mais variados sintomas psiquiátricos. Tais sintomas recebem classificações em forma de diagnósticos, como transtornos de personalidade, personalidade antissocial, delinquentes, impulsivos, ou mesmo da nosografia psicanalítica tradicional, os casos-fronteiriços, borderlines ou casos-limite). E também há pessoas com impossibilidade de realizar plenamente a estrutura humana, são pessoas com pouca realização da estrutura comum, típica em estados de coma.

Assim, temos a dimensão do corpo que veicula os atos corpóreos, nos quais encontramos os instintos em geral, como a fome e a sede, comuns a todos os seres humanos; a segunda dimensão, composta pelos atos psíquicos, inclui as reações emocionais, os impulsos para beber e comer; e a terceira dimensão é composta pelos atos espirituais, que é constituída pelos atos de reflexão, tomada de decisão, avaliação e controle.

Nesse sentido, pessoas que sofrem por apresentarem transtornos psiquiátricos ou problemas psicológicos de tal magnitude que impedem as mesmas de trabalhar, estudar ou mais profundamente de encontrar um sentido para vida, parecem se aproximar da segunda dimensão, sendo a terceira uma conquista ainda não pensada, acontecida, e que se encontra em espera.

Segundo Ales Bello (2006) conhecemos essas três dimensões porque temos *Consciência*, conceito fundamental em Fenomenologia. A *Consciência* não é um lugar físico, nem um lugar específico, nem é de caráter espiritual ou psíquico. A *Consciência* é um ponto de convergência das operações humanas, que nos permite dizer o que estamos dizendo ou fazer o que estamos fazendo. Somos conscientes da realidade corpórea, da atividade psíquica e de uma atividade espiritual e temos consciência de que registramos esses atos. A distinção destes atos ocorre intuitivamente.

Essa noção de *Consciência* ultrapassa as noções clássicas em Psicologia, na qual a consciência convida – de modo automático – a adentrar no inconsciente da psicanálise. Por trás de todo ato consciente há um inconsciente reprimido, por trás do manifesto pulsa algo latente que tem que ser descoberto. É necessário todo um arcabouço teórico do

funcionamento psíquico ou mental para explicar o Homem e para estar diante dele, com objetivos de tratamento. Já a fenomenologia pura permite que reconhecamos o Homem em toda sua magnitude, na compreensão do que se revela, sem necessidades de pré-conceitos, pré-julgamentos, para estar verdadeiramente com ele, o Homem, tal como é, ou seja, inclassificável.

Todos os seres humanos têm potencialmente a mesma estrutura humana, embora não a ativem da mesma maneira e não tenham os mesmos conteúdos, seja do ponto de vista psíquico seja do ponto de vista espiritual. Assumindo essa hipótese, Ales Bello (2006) afirma que as dificuldades ocorrem porque existem diferenças. Cita exemplos: há pessoas que podem ouvir e outras não, existem aquelas que podem ver e outras não.

Diante dessa concepção de homem, nós psicólogos podemos conhecer a subjetividade de outro modo. De acordo com Ales Bello (2006b) essa elucidação é importante para a Psicologia na aplicação clínica a cada pessoa, tomada singularmente. Isso significa que todo ser humano registra atos psíquicos, como os impulsos que movimentam o homem para fora ou para dentro de si e os psicólogos, com este saber, podem compreender algo que uma pessoa específica está vivendo.

Ales Bello (2006b) observa que no campo da Psicologia, Psiquiatria ou Psicopatologia, ao considerar a complexidade do ser humano, como corpóreo, psíquico e espiritual, é preciso se perguntar: o que é a psique? O questionamento é se a Psicologia, como área de estudo da psique pode ou não cobrir este vasto campo definido como espiritual. Arrisco-me a responder à autora: não. É por isso que a filosofia fenomenológica traz uma contribuição *sui generis*, e quem sabe, com o diálogo entre as distintas disciplinas, a Psicologia possa seguir um desenvolvimento que parece ter ficado parado no tempo cronológico e desumano, no espaço do positivismo, com raras exceções, como a psicanálise do grupo independente inglês.

Husserl denominou *Einfühlung*, entropatia ou empatia a possibilidade de proximidade do outro, uma intencionalidade e orientação que conduz a um eu alheio. A intersubjetividade torna a vida comunitária, apesar de cada um permanecer na sua singularidade. Todo ser humano tem a qualidade de perceber, mas o que percebe e como percebe é absolutamente pessoal e singular.

A contribuição fenomenológica na clínica psicológica é a reflexão das coisas físicas ou abstratas que se mostram e como se mostram. Atentar para a empatia é reconhecer que por meio dela podemos nos comunicar e receber a comunicação do outro.

Cada ser humano é examinado pelas suas características pessoais, ainda que haja uma estrutura comum a todos. O que interessa a Husserl é o sentido de existir, bem como o fato de o ser humano ter facilidade para identificar sentidos para certas coisas e mais dificuldades para outras. Nem todas as coisas são imediatamente compreensíveis. Nesse sentido, quando uma pessoa está diante de nós, conseguimos acessar e compreender algumas de suas características, outras não (Ales Bello, 2006).

A primeira obra de Edith Stein que se publica é sua tese de doutorado "Sobre o problema da Empatia" (*Zum Problem der Einfühlung*, 1917), onde analisa, à luz de uma metodologia estritamente fenomenológica, o fenômeno da existência de sujeitos alheios à própria pessoa e o ato fundante que nos possibilita a percepção de uma existência pessoal distinta à própria. A empatia é definida dessa maneira como a "*participação efetiva e pelo comum emotiva de um sujeito humano em uma realidade alheia ao mesmo sujeito*" (Bejas & Spitzlei, 1998, p.13).

Edith Stein, desde muito pequena, enquanto sua mãe arrumava seus cabelos, lia livros de história. Ela se destacava na escola, porém sofria porque era chamada "a inteligente Edith". Isso a magoava. Ela comenta: "*eu acreditava que queria que tivesse orgulho da minha inteligência. Além disso, parecia-me que, nas entrelinhas, queria dizer que eu era apenas inteligente; e eu sabia já desde os primeiros anos de vida que é muito mais importante ser bom do que ser inteligente*" (Feldmann, 2001, p.13).

Edith fez um curso de enfermagem e trabalhou em 1915 em um hospital militar de epidemias: eram quatro mil leitos para soldados do *front* dos Cárpatos, doentes de tifo, cólera e disenteria. Segundo Feldman (2001, p.23), "ao lidar com o pesado sofrimento humano, ela certamente aprendeu o que nenhum livro de filosofia e nenhuma discussão altamente intelectual puderam lhe ensinar". Ela tinha 24 anos. Porém esse hospital foi fechado e não conseguiu mais uma colocação em serviços de enfermagem.

No ano de 1916, Husserl aceita um convite para passar de Göttingen a Freiburg, e escolheu como assistente a aluna que evidenciava maiores talentos: Edith Stein. Husserl era de opinião de que o mundo exterior só poderia ser "intersubjetivo", ou seja, experimentado por

vários indivíduos que iriam pôr-se de acordo com suas percepções. A essa vivência ele chamou de “empatia”, sem defini-la mais precisamente.

“Quando, por exemplo, um amigo procura-me”, comenta Edith Stein, “e eu percebo sua amargura, isso é mais do que uma simples percepção exterior. A experiência torna-se consciência alheia e a vivência alheia manifesta-se repentinamente em minha própria vivência. Certamente, nunca um estado de espírito alheio, uma circunstância psíquica alheia me foi revelado de forma tão íntima, tão direta e tão original como minha própria vivência. E é possível experimentá-los porque são dadas não apenas as próprias ideias ou impressões (como algo do que é admitido no positivismo à Hume), como também as coisas (um pressuposto básico dos fenomenólogos)”. E vai mais a fundo, ao afirmar o seguinte: “na medida em que considero como ‘minha semelhante’ uma vida espiritual alheia, aprendo também a observar a mim mesma como objeto, isto é, de um ponto de vista exterior a mim. Tais ‘empatias’, se relacionadas a mim mesma, podem ser um corretivo útil para escapar da possibilidade de engano que está presente na percepção interna. É possível que outro me ‘julgue com maior precisão’ do que eu mesma o faria e me revele com clareza para mim mesma. Ele nota, por exemplo, que estou procurando obter aplausos quando pratico uma boa ação a alguém, enquanto eu mesmo penso que o estou fazendo por pura compaixão. Dessa forma, a empatia e a percepção interna trabalham de mãos dadas, possibilitando que conheça a mim mesma” (Feldmann, 2001, p.35).

Edith sofria por causa do abismo existente entre as questões acadêmicas e as necessidades reais dos seres humanos. Feldman (2001, p.81) comenta: “Quem é capaz de aceitar a si próprio sem ilusões e com todas as fraquezas e incapacidades, é também capaz de tratar o próximo de forma caridosa e com um amor verdadeiro”.

É nesse espírito que nos posicionamos na clínica psicológica diante de nosso semelhante. Façamos uma breve reflexão a partir do estudo da entropatia (Stein, 2005). Um paciente conta sobre determinadas vivências de agonia; o terapeuta não pode sentir do mesmo modo a agonia que ele sente, mas presencia uma série de fenômenos que se configuram na corporeidade do terapeuta, mais especificamente na sua memória. O terapeuta não sente da mesma forma a agonia do paciente, mas ele tem um registro e um saber sobre o que é agonia, a partir de suas próprias experiências e conhecimentos. Neste momento o terapeuta tem uma

intuição do que é a agonia. Assim, à medida que uma pessoa expressa sua história ao terapeuta, este poderá compreender a essência de sua agonia.

Nesta vertente que une fenomenologia e clínica, a agonia relatada a alguém é uma tentativa de encontrar um sentido para si. O assunto e os fenômenos imagéticos estão presentes nas vivências entre o terapeuta e o paciente durante o encontro, fazendo parte essencial do campo intersubjetivo. Como o terapeuta manejará a situação clínica, dependerá da relação que estabelecerá com a pessoa, no processo de continuidade e descontinuidade da condição humana.

Do mesmo modo, qual a essência da raiva? Uma repulsa, um ódio, um impulso, uma revolta? Vivências universais. Entretanto, para cada sujeito o conteúdo é singular. Como a agonia, a raiva, vários sintomas são parecidos e comuns a muitos, no entanto os conteúdos são singulares. É isso que torna a clínica um espaço peculiar para que o sujeito possa se encontrar, refletido no olhar do outro.

O paciente que conta sua agonia passa a doar ao terapeuta parte de sua história, que passa a ser habitada na memória do terapeuta. Tal experiência ao ser relatada, não deve ser entendida como repetitiva ou estereotipada, mas deve ser acolhida como gesto genuíno à espera de significados ou sentidos. Mesmo em uma pessoa que sofre com determinada psicopatologia severa, o potencial humano para encontrar alguém que a ajude a percorrer as intempéries da existência humana pode estar adormecido ou em espera, mesmo que nunca se realize.

Se o terapeuta nunca sentiu sintomas semelhantes não quer dizer que não possa acessar essas experiências humanas por meio dos relatos de seus pacientes. Esses relatos não tocam apenas a mente do terapeuta, mas o tocam em toda sua corporeidade. Cada paciente marca o terapeuta de modo único. O terapeuta nessa perspectiva não detém um saber que o paciente não tem. O saber entre eles é construído a cada sessão e daí aflora material clínico para ser dialogado. O terapeuta é um interlocutor que oferece continuidade e cuidado diante da complexidade humana, arando terreno para o desenvolvimento da área espiritual.

Com o tempo, a paciência e a tolerância, os sintomas poderão ser transformados em companheiros dominados pelo eu, isso per si, seria a cura almejada de uma psique que passa a ser refletida e elaborada pela área espiritual. O paciente ganharia novas interpretações para os sinais que nascem em sua interioridade, mesmo que justificados como vindos do exterior.

Diante dessas premissas da escola filosófica realizamos uma articulação não só teórica, mas também experiencial com a clínica terapêutica. Há mais de uma centena de psicólogos clínicos na cidade de São Paulo que trabalham no registro empático e ontológico do ser humano. Acreditamos que a experiência de vida oferta um *Saber* sobre a condição humana, por vezes, não reconhecida ou apropriada pelo paciente.

Gilberto Safra nos apresenta belíssimas contribuições nesta clínica e utiliza a obra de Edith Stein no contexto da Psicologia. A partir da *Estrutura da pessoa humana* (1933), Edith Stein denomina ciência idiográfica para abordar a singularidade do ser humano. Safra (2006, p.15-16) comenta: “Edith era bastante lúcida para a questão de que a antropologia inerente às diferentes teorias poderia vir a adoecer o ser humano, questão que tenho observado na situação clínica ao longo dos anos. Ela alerta para o fato de que cada perspectiva epistemológica propõe uma concepção antropológica que pode aviltar o modo de ser humano e, portanto, pode vir a adoecê-lo em seu ser. Edith foi testemunha e vítima do que ocorria na Europa com o crescimento do nazismo e, para ela, esse fenômeno acontecia, entre outras razões, sustentado pelo equívoco no modo de abordar o ser humano e o mundo”.

Há pacientes que se sentem adoecidos pelas perspectivas racionalistas e iluministas que norteiam. Segundo Safra (2006, p.16-17) “grande parte das teorias em psicologia e organizam o mundo em que vivemos”. Ele cita uma passagem da obra *A estrutura da pessoa humana* que indica um distinto modo de compreender o outro ser humano: “Se o conhecimento é uma captação espiritual de um ente, é lícito dizer que conhecemos o modo de ser próprio de um homem: este modo de ser se nos mostra através de múltiplas formas expressivas nas quais o “interior” se “exterioriza” e nós compreendemos essa linguagem. O modo de ser próprio de uma pessoa se expressa em formas que podem seguir existindo separadas dela: em sua letra, no estilo que se reflete em suas cartas ou em outras manifestações literárias, em todas as suas obras, e também nos efeitos que produziram em outros homens”.

Safra (2006) mostra a importância de trabalharmos na intuição e na compreensão empática, não como funções mentais, mas como funções corporais, já que se intui e se empatiza por meio de nossa sensibilidade. Essa concepção é muito nova no campo psicológico e psicanalítico e difícil de ser assimilada por aqueles que estão acostumados a reproduzir o

mesmo ou se posicionar em um lugar que lhes parece melhor ou superior a outros a partir de um excesso de racionalidade e intelectualismo.

No estudo sobre os problemas da empatia, Safra (2006, p.46) comenta sobre Edith Stein: “Ela se propõe a fazer uma investigação fenomenológica do sentido de si, daquilo que se é como pessoa. Por meio desse caminho fenomenológico, Stein afirma que temos a memória de experiências que não vivemos diretamente. Ela mostra que há movimentos psíquicos, organizações de experiências alojadas em nós mesmos, que não realizamos por nós mesmos. Ou seja, há inúmeras experiências em nós mesmos que existem porque tivemos a possibilidade de acompanhar a experiência de outra pessoa. Edith nos oferece alguns exemplos: ‘ao ouvir a descrição de uma cena repugnante vivida por alguém, podemos, pela forma como essa pessoa a descreve, viver uma experiência de repugnância que é fruto de um percurso em que nos deixamos levar, acompanhando o que esta pessoa nos apresenta a partir de sua sensibilidade’”. É aqui que ela fundamenta o fenômeno da empatia, afirma Safra (2006).

Esses estudos colocam em suspensão toda teoria que é buscada por psicólogos clínicos para tentar dar conta do indizível, do mistério, da alma, da vida de outrem, da relação humana. Ao mesmo tempo, faz da clínica uma convivência que não só ajuda o outro, mas há um verdadeiro crescimento e amadurecimento do próprio terapeuta que se coloca em abertura para o novo, para o estranho, para o desconhecido, em processos terapêuticos que demandam aliança, ética, confiança, solidariedade, continuidade e estabilidade.

Essas questões são discutidas por Stein para mostrar que, por meio do corpo, estamos continuamente acompanhando as experiências de outras pessoas. Somos freqüentemente banhados pelas descrições plásticas e pelo modo como a corporeidade do outro nos fala. É nesse fenômeno que Edith Stein fundamenta o fenômeno da empatia, bem diferente da compreensão meramente racionalizada ou excessivamente intelectualizada da vida humana. “Para essa autora a empatia é a possibilidade que temos de acompanhar o circuito da sensibilidade de outrem. Edith afirma que podemos acompanhar dois circuitos: o circuito da sensibilidade e o circuito da articulação do pensamento do outro. Jamais se alcança a experiência originária da sensibilidade do outro, assim como também jamais apreendemos pelo conhecimento quais seriam os motivos, os valores últimos de alguém. Podemos intuí-los, mas não saber desses valores diretamente. A possibilidade de acompanhar a

expressão descritiva plástica ou o modo como a corporeidade do outro aparece permite que realizemos com o nosso próprio corpo o mesmo circuito descrito ou apresentado. Dessa maneira, podemos compreender os sentimentos dos nossos analisandos através do que nos apresentam, se também os acompanharmos por meio de nossa sensibilidade corporal. O nosso corpo nos fala por meio de imagens (a imagem refere-se a formas sensoriais que se desenham na corporeidade de uma pessoa) que são evocadas em nossa corporeidade pelo modo como o paciente se apresenta" (...) "o analista inclui o que se passa, não por telepatia, mas pelo fato de seu corpo estar sendo continuamente afetado pela forma de ser do paciente" (Safra, 2006, p.47-48).

Trabalhamos diante a manifestação do Real, no que está para além de qualquer possibilidade de simbolização, e assim acolhemos o irrepresentável. De acordo com Safra (2006) o homem, sendo ontologicamente um ente em precariedade, está sempre aberto à compreensão do ser e busca responder às questões da sua origem e de seu fim.

A função do terapeuta é de auxiliar o outro na apropriação de seu saber. Para isso o terapeuta necessita colocar seus interesses pessoais à sombra, para estar em abertura, solidariedade e disponibilidade para o outro, para que a experiência de *nós* possa ocorrer. A cada encontro há um desvelamento da memória do humano por meio da experiência de *sentir com*, de *estar junto* existencialmente. É assim que o sentido de toda experiência se abre ao outro (Safra, 2007).

O mundo contemporâneo tem sido marcado pelo imediato, pelo automatismo, pela técnica, e não pela experiência, não pelo sentimento. Diante dessa realidade o espírito humano se fragmenta. Esta perspectiva de trabalho terapêutico trata de um reposicionamento da clínica psicológica como elemento ético-ontológico que possibilita a dupla terapeuta-paciente se sentirem enraizados na experiência humana. O terapeuta acolhe o vivido, o vivo e principalmente, o anseio pelo devir ou seu impedimento, o Real e o mistério da existência humana.

Nesta abordagem terapêutica é fundamental o conceito de compreensão empática como forma de saber e de conhecer o outro, além do reconhecimento ético das necessidades do paciente, da atenção ao modo como o paciente guia o terapeuta para que este acesse aspectos essenciais de sua personalidade. Cada paciente tem um saber de suas experiências e é o processo terapêutico que visará que ele possa se

apropriar deste saber, para poder alcançar o domínio do eu e de sua própria biografia, para colocar em marcha seu vir a ser (Safra, 1999).

A psicoterapia situada no registro ético-ontológico poderá acolher a dor de seu paciente no registro de seu aparecimento, sustentar e compartilhar experiências vividas, revividas e aquelas do porvir, em revelação fenomenológica pura. Ao acompanhar terapeuticamente alguém não raras vezes percebemos que no início dos encontros as queixas sintomáticas são os principais assuntos, mas com o passar do tempo, da continuidade e da relação interpessoal, tais sintomas não mais se tornam o centro das atenções. A atenção vai se direcionando a outros campos de sua existência, de acordo com a singularidade do paciente e da vivência experimentada na interrelação.

Há pessoas que não alcançaram a possibilidade de sofrer, vivendo suspensas em um estado de agonia. Sofrer implica em devir, em destinar o vivido. Assim, a clínica que se norteia por esta vertente fenomenológica pura poderá auxiliar o paciente a alcançar a potencialidade de sua vida reflexiva, a responsabilidade e a liberdade, a tomar decisões mais adequadas e encontrar significados para seu viver em atos de realização consciente. Em outras palavras, a acessar sua dimensão espiritual.

Se a forma de se inscrever no mundo não pôde ser realizada pela comunicação com alguém significativo, certamente tenderá a acontecer de forma impulsiva e desorganizada, expressando o desespero sem nome, vivido pelas pessoas que não tiveram aqueles acontecimentos em suas vidas. Ao lidar com humanos, estamos diante de seres que buscam intensamente com os meios disponíveis, a possibilidade de humanizar-se (Safra, 1999). Assim, todo ser humano necessita acontecer no registro singular e coletivo; isso é fundamental na realização do si-mesmo. Na ausência de um desses registros, há um sofrimento pela vivência de não existência e de não realização de si.

Do ponto de vista fenomenológico, o terapeuta não se guia pelos sintomas, nem mesmo deseja que desapareçam, mas auxilia o paciente a encontrar um sentido para essas vivências, desde que se estabeleça um vínculo de confiança significativo. As vivências psicopatológicas têm para cada paciente um significado, mesmo que seus comportamentos sejam universalmente parecidos. O que interessa nesta vertente é como cada indivíduo vive a doença e/ou sofrimento que os afetam. Por vezes, esses sintomas são sinais de alerta para que se possa iniciar uma relação humana, uma verdadeira interlocução, baseada em uma relação

ética que vise compreensão e reconhecimento, uma comunicação e convivência humana almejada.

Os pacientes que apresentam alguma psicopatologia ou intenso sofrimento emocional têm dificuldades em encontrar sentido para suas vivências. O ser humano que vive essas experiências com frequência busca alguém para ajudá-lo a enfrentar tal vivência que o assalta por dentro, mesmo que justifique como vindo de fora. Muitas pessoas apresentam um estreitamento da vivência passível de encontrar significado na existência, um aprisionamento em experiências que ainda não encontraram um sentido humano. Não há possibilidade de abertura, mas um aprisionamento em si mesmo. Não uma expectativa de devir, mas um congelamento, um bloqueio, uma barreira. Todo ser humano tenta elaborar as diversas situações e etapas da vida na presença de outrem, da sua comunidade e da sociedade na qual está inserido. Não acessar a dimensão espiritual leva o ser humano a impedimentos que estancam o uso da liberdade e do livre arbítrio.

Nessa reflexão fenomenológica e clínica conclui-se que os estudos fenomenológicos sobre a *estrutura da pessoa humana* e *empatia* de Edith Stein, associados à clínica de Gilberto Safra, tornam-se úteis e necessários para fundamentar uma clínica do cuidado, para além da psique, que permite mergulhar, parafraseando a arqueologia, em uma escavação humanológica. O percurso rumo à essência dos diversos modos de expressão humana, auxiliando os pacientes a *descobrir* e estimular os potenciais adormecidos de seu ser. No mundo contemporâneo, a partir dessas concepções, já não cabe estudar a psique humana ou analisar a psique, mas torna-se necessário ir ao encontro de um estudo do humano, que possa unir não só o corpo, a psique, mas a antropologia, a filosofia, a psicologia, a psicanálise, a literatura, a arte, a pintura, a música e a poesia, numa verdadeira humanologia.

Que a estrutura da pessoa humana compreendida pela empatia volte a erguer a humanidade que no mundo contemporâneo sofre as conseqüências das próprias ações (des)humanas. O poema "*Assim é minha vida*" é o fiel reflexo do terapeuta assentado no paradoxo humano e com ele me despeço: "*Meus deveres caminham com meu canto / Sou e não sou: é esse meu destino. / Não sou se não acompanho as dores / Dos que sofrem: são minhas dores. / Porque não posso ser sem ser de todos. / De todos os cavalos e oprimidos. / Venho do povo e canto para o povo: Minha poesia é cântico e castigo. / Me dizem: pertences à sombra. / Talvez, talvez, mas à luz caminho. / Sou o*

homem do pão e do peixe. / E não me encontrarão entre os livros, mas com as mulheres e os homens: eles têm me ensinado o infinito” (Pablo Neruda).

Bibliografia

- Ales Bello, A. (2006). Introdução à fenomenologia. Bauru, São Paulo: EDUSC.
- Ales Bello, A. (2006) Fenomenologia e ciências humanas: implicações éticas. Memorandum, 11, 28-34, 2006b.
- Ales Bello, Ângela. (2004). Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião. Organização e tradução Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru, São Paulo: EDUSC.
- Feldman, C. (2001). Edith Stein: Judia, atéia e monja. Tradução Eurides Avance de Souza. Bauru, São Paulo: EDUSC
- Husserl, E. (2007). Investigações lógicas. Segundo Volume. Parte I. Investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento. Lisboa: Edição Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Safra, G. (2007). Profoco. Curso de Formação Continuada. Abril, 2007. Transferência: o estar diante, o estar em, o estar com. São Paulo: Edições Sobornost, DVD1, 2, 3, 4.
- Safra, G. (2006). Hermenêutica na situação clínica. O desvelar da singularidade pelo idioma pessoal. São Paulo: Edições Sobornost.
- Safra, G. (2004). A po-ética na clínica contemporânea. Aparecida, São Paulo: Idéias e Letras, 2004.
- Safra, G. (1999). A face estética do self. Teoria e Clínica. São Paulo: Unimarco Editora, 1999.
- Stein, E. (2007). La estructura de la personalidad humana. 1.ed. Madrid: estúdios y ensayos. BAC. Filosofia y Ciências, 2007.
- Stein, E. (2005). Escritos filosóficos. Etapa fenomenológica. Obras Completas II. Editorial Monte Carmelo, Madrid, 2005.
- Stein, E. (2003). La estructura de la persona humana. Madrid: BAC. (Original publicado em 1932-1933).

**Prof. Dr. Andrés Eduardo Aguirre Antúnez*
Universidade de São Paulo - Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
antunez@usp.br